



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UNICEUB)
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO

JÚLIA UDIHARA BALTHAZAR

OS TABUS SOCIAIS NA PERCEPÇÃO DE GÊNEROS E PAPÉIS
SEXUAIS

BRASÍLIA

2012

JÚLIA UDIHARA BALTHAZAR

OS TABUS SOCIAIS NA PERCEPÇÃO DE GÊNEROS E PAPÉIS
SEXUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentada ao Centro Universitário de
Brasília (UniCEUB) como requisito à
obtenção do título de bacharel em
comunicação social com habilitação em
jornalismo.

Orientadora: Professora Dr^a. Cláudia Maria
Busato

Brasília

2012

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UNICEUB)
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Júlia Udihara Balthazar

Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Busato

Prof^a. Dr^a. Carolina Assunção

Prof. Msc. Luiz Cláudio Ferreira

*Dedico este trabalho aos meus pais,
ao Gabriel, ao Jackson, meus
professores e todos que ajudaram
nessa jornada.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Jackson por ser um mestre e amigo e pelo eterno apoio incondicional durante todo meu curso, que foi fundamental para meu aprendizado e construção de quem sou hoje.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora, Cláudia Maria Busato, pela paciência e atenção e pelas sábias palavras que ajudaram a engrandecer esse trabalho.

Gostaria de agradecer meus pais e minha irmã pela enorme paciência e apoio que tornaram possível minha jornada acadêmica e pessoal.

Gostaria de agradecer meu melhor amigo, Gabriel, pelo amor incondicional e paciência nos momentos de desespero. Sem seu apoio nada disso seria possível.

Gostaria de agradecer a equipe que aguentou inúmeras horas de filmagens e edição e tornou possível a confecção do documentário. Muito obrigada Aline, Samuel, Melqui, Raymundo, Adriano, Sérgio, Marcelo...

Gostaria de agradecer a Ministra Elizabeth, Doutor Hilan Bensusan, e a Doutora Tatiana Lionço pelas entrevistas essenciais para a realização deste documentário.

Gostaria de agradecer aos meus vizinhos, Liliane Cardoso e Josias de Souza, pela coragem e incentivo quando escolhi cursar jornalismo e por sempre me apoiarem e me darem valiosas dicas.

Gostaria de agradecer a professora Carolina Assunção pelas dicas e apoio num gênero desconhecido para mim, até então, que é o documentário.

Gostaria de agradecer ao professor Luiz Cláudio pelo apoio e amizade que ajudaram em momentos difíceis da realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer a todos meus professores pelas lições aprendidas e os valiosos ensinamentos.

Gostaria de agradecer a coordenação do curso de comunicação social: professores Henrique, Déia e Bruno. Pelo apoio e suporte durante o curso e pela educação e formação que me foi fornecida nesses anos de curso.

“Podemos facilmente perdoar uma *criança* que tem *medo do escuro*; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.”

Platão

RESUMO

Este memorial apresenta como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) um documentário digital, que tem como produto final um DVD. O tema trata da percepção dos tabus sociais manifestos e latentes quanto à questão de gêneros e papéis sexuais. A abordagem do assunto se deu pela perspectiva social a partir das visões da psicologia, do direito, da sociologia e da filosofia. O gênero sexual é uma experiência construída simbolicamente por meio de das vivências relacionais que cada indivíduo terá a partir do nascimento. Por conta dessa “naturalização” do gênero sexual, poucas são as brechas e espaços para uma reflexão esclarecida sobre a questão. A propósito da discussão e debate sobre a temática de gênero no contexto nacional atual, são mostradas entrevistas que retratam a visão que a sociedade possui sobre o tema e as inúmeras incertezas a respeito dos dogmas existentes. Além disso, esses especialistas foram estimulados a exibirem pontos de vista de modo a formular problemas, entendimentos e respostas sobre os tabus que envolvem gêneros e papéis sexuais. Este memorial apresenta um registro descritivo da concepção e do processo de realização do documentário referido. Neste documento não dispensa uma fundamentação teórica sobre a temática e as escolhas feitas acerca da própria natureza do gênero audiovisual e documentário.

Palavras - chave: Tabus sociais, Gêneros sexuais, Papéis sexuais, Documentário

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Escolha do tema.....	9
1.2. Justificativa	9
1.3. Objetivos	11
2. DESENVOLVIMENTO	12
2.1. Metodologia	12
2.1.1. A concepção do documentário	12
2.1.2. Estrutura do documentário	12
2.1.3. Filmagens, enquadramentos e escolhas técnicas	14
2.1.4. Edição	15
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
3.1. O gênero documentário	16
3.2. A questão de gênero (sexual) como fato social	18
3.3. O discurso social de Michel Foucault	21
3.4. A educação sexual nas escolas brasileiras	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXOS	31
APÊNDICES	32

1. INTRODUÇÃO

1.1 Escolha do tema

Este trabalho trata da percepção social de uma das características mais básicas da construção identitária e definição da personalidade, os chamados gêneros e papéis sexuais. Será problematizada a “doutrinação” dada desde a infância sobre o que é gênero e qual papel sexual desempenhar socialmente.

A partir de uma pesquisa teórica e de campo, realizada por entrevistas, serão mostrados por meio de um documentário audiovisual os tabus encontrados.

1.2 Justificativa

É de capital importância para a comunicação social conhecer a sociedade na qual vivem e convivem milhares de brasileiros, desde o perfil sócio-econômico aos fatores mais subjetivos, como a percepção de preconceitos e tabus.

O gênero sexual é algo que norteia a vida dos indivíduos desde o momento do nascimento até o modo como serão vistos, tratados e educados, sendo também um fator que irá guiar a maior parte dos comportamentos dos indivíduos perante a sociedade.

Estudar esse tema é fundamental porque, recentemente, as linhas que pareciam fixas e imutáveis vêm sofrendo alterações, como o surgimento de movimentos de pensamento como os das feministas e de gays. Tais movimentos lutam para conquistar direitos e ter acesso a realidades antes negadas a eles. A introdução da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, representa uma quebra de paradigmas culturais, porque antes se tinha o entendimento de que a mulher deveria cuidar de tarefas do lar e cuidar dos filhos. Uma ruptura das convenções também se deu com a ampliação do movimento “gay” que rompeu com os conceitos antes estabelecidos sobre a hegemonia da heterossexualidade e também deu lugar ao que se chama hoje de “transgêneros”.

As zonas de silêncio criadas em torno de assuntos que envolvem a sexualidade humana e a percepção de gêneros e papéis sexuais podem ser percebidas quando se observa o comportamento reacionário ou mesmo ingênuo de membros da sociedade que não questionam o tema. A visão predominante é herança de discursos de controle e dominação que podem ser observados nas falas dos entrevistados no “povo fala”, que reproduzem o senso comum e que refletem diversos entendimentos de percepção sobre gênero, comportamento e identidade.

Os dogmas até hoje perpetuam tabus injustificáveis e inúmeras zonas de silêncio que dificultam o estudo e o conhecimento de temas que são, há muito, objetos de reflexão das ciências sociais e humanas, mas que têm pouca cobertura nos espaços objetivos da comunicação social.

A percepção e a sensibilidade para as minúcias e idiosincrasias que regem o comportamento dos membros da sociedade, leva a um questionamento: por que a simples aceitação das supostas verdades, muitas vezes impostas sem uma reflexão adequada sobre as consequências que decisões e discursos institucionais têm sobre os membros da sociedade?

O estudo sobre tais problemas promove ganhos sociais e um aumento do conhecimento, o que por consequência pode minorar os preconceitos e resistências. Também deve ser pensada a melhoria que se reflete na vida de todos os membros da sociedade, uma vez que deixarão de ter a identidade rotulada como algo “errado” ou “patológico”. Uma discussão aberta sobre gênero e papéis sexuais poderá refletir em formas de ensinar mais humanas e menos ditatoriais, quando se ensina apenas um modo de viver tido como normal, ficando os demais obliterados ou apagados da história.

A simplicidade observada no tratamento da questão de gêneros sexuais é quebrada uma vez que as tensões podem ser percebidas em todos os membros da sociedade. Essas tensões são vistas em esforços muitas vezes homéricos para corresponder aos estereótipos sociais impostos como normais e aceitáveis: o homem másculo e viril, a mulher meiga e doce. Traços dessas tensões podem ser vistas em aumento à adesão a cirurgias estéticas e a disseminação de anabolizantes entre jovens do sexo masculino. As figuras icônicas de masculinidade

e feminilidade são resumidas e simplificadas a figuras midiáticas e estereótipos ensinados desde a infância.

1.3 Objetivos

Objetivos gerais

Fazer um documentário mostrando que, apesar da sociedade ter evoluído e obter mais conhecimentos do que em outros períodos, muitos preconceitos permanecem ao longo dos anos, influenciados pela criação e a própria educação formal e informal recebida desde a infância.

Explorar conceitualmente o que define o indivíduo como um ser social e o que o norteia moral, psicológica e socialmente constitui objetivo precípua deste estudo.

Objetivos específicos

Entrevistar especialistas e a população para conhecer e perceber os tabus e, a partir desse contato, mostrar por meio de um documentário as percepções sociais acerca de gênero e papéis sexuais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O documentário foi integralmente produzido com recursos do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

2.1.1 A concepção do documentário

O gênero documentário foi estudado para que se pudesse determinar quais elementos seriam usados ou cortados e também quais recursos audiovisuais seriam explorados na confecção do produto final. O estudo do documentarismo possibilitou uma visão ampla sobre o gênero e a capacidade que ele possui de mostrar uma realidade. A partir desses estudos a estrutura do documentário pode começar a ser visualizada e concebida.

Os estudos sobre o gênero documentário foram feitos a partir de leituras do livro “Roteiro e cinema e televisão” de Flávio de Campos (2010) e os artigos “O documentarismo do cinema”, e “O ponto de vista no filme documentário”, de Manuela Penafria(2001 e 2004), e “O que é documentário”(2002), de Fernão Pessoa Ramos.

Antes de começar as gravações, foi feita uma extensa pesquisa sobre o tema para levantar questões pertinentes e discussão, tais estudos levaram a um maior entendimento sobre o assunto e as repercussões que ele possui socialmente. Os roteiros de entrevista foram definidos tendo como base a pesquisa feita acerca da temática.

2.1.2 Estrutura do documentário

Foram escolhidos três eixos de conteúdo para explorar o tema, a partir dessas escolhas o documentário foi dividido em três blocos (psicologia, filosofia e direito).

A estrutura narrativa do documentário foi feita na seguinte ordem: psicologia, filosofia e direito. A parte psicológica foi escolhida como a primeira para sanar as dúvidas geradas quando somos questionados sobre nosso gênero sexual e abordar outros assuntos no âmbito psicológico social. Em seguida foi inserido o bloco

filosófico, no qual foi explorado como aprendemos nosso gênero e como as instituições sociais tratam a sexualidade humana. A parte jurídica foi colocada ao final para fazer uma reflexão sobre a constituição brasileira e a sexualidade, e como o Estado trata a questão dos gêneros sexuais. Além disso, o bloco tratou da influência de outras instituições sobre a questão de gênero, como a religiosa, criteriosamente contextualizada pela entrevistada.

Para a realização e confecção de cada bloco foi feita uma entrevista com um especialista escolhido por possuir amplo conhecimento sobre a questão de gêneros sexuais e sexualidade humana, em seus respectivos campos de pesquisa e estudo. Também foi realizado um “povo fala”, inserido por bloco, tratando de um assunto chave e buscando obter a opinião da população para problematizar as questões tratadas nas entrevistas.

- Primeiro Bloco:

Pergunta do “povo fala”: Qual seu gênero sexual? Por quê?

Entrevista: Tatiana Lionço, professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Possui projetos de pesquisa como “Normas de gênero, tecnologia e saúde: a participação da psicologia nos dispositivos assistenciais para transexuais e pessoas intersexo”. Também já tendo atuado como consultora pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) nas ações de organização da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais que foi coordenada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República.

- Segundo Bloco:

Pergunta do “povo fala”: Como aprendemos nosso gênero sexual?

Entrevista: Hilan Nissior Bensusan, professor da Universidade de Brasília, Doutor em filosofia pela University of Sussex (Reino Unido).

Atua em projetos de pesquisa como o “Vidas plurais” pertencente ao Núcleo de Estudos da Diversidade Sexual e do Gênero, do Centro de Estudos Avançados

Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB). O estudo tem como meta a formação de guias para a promoção da diversidade sexual e afetiva nas escolas brasileiras.

- Terceiro Bloco:

Pergunta do “povo fala”: As pessoas têm direito de mudar de gênero sexual?

Entrevista: Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha, Ministra do Superior Tribunal Militar (STM) e doutora em direito constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Possui inúmeros trabalhos em direito constitucional voltados para os direitos humanos, ou chamados de direitos fundamentais. Tais esforços incluem um capítulo no livro “Direitos humanos: Entre a Utopia e a Contemporaneidade”, 2011, da Editora Forum. Também já tendo participado de inúmeros seminários sobre o tema como o I Seminário sobre “Direitos Fundamentais: Construindo o Estado Democrático de Direito” em 2009 promovido pela Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Distrito Federal (OAB/DF).

2.1.3 Filmagens, enquadramentos e escolhas técnicas

As filmagens ocorreram em quatro dias separados:

- Dia 11 de abril
 - Entrevista da professora Tatiana Lionço , às 14h30, no Café Sebinho.
 - Povo Fala 01 no Conjunto Nacional.
- Dia 19 de abril
 - Povo Fala 02 no Conjunto Nacional.
 - Entrevista do professor Hilan Bensusan, às 16h30, no ICC Ala Norte na Universidade de Brasília (UnB).
- Dia 15 de maio
 - Entrevista da doutora Elizabeth Rocha, às 18h30, no gabinete da ministra no Superior Tribunal Militar (STM).

- Dia 16 de maio
 - Povo Fala 03 no Conjunto Nacional.

Durante as entrevistas com especialistas foi usado o microfone de lapela para que os entrevistados ficassem mais à vontade e para deixá-los gesticular e usar a linguagem corporal sem sofrer o distúrbio de um microfone convencional.

Foi escolhido um enquadramento levemente de perfil para a entrevista com os especialistas, tal decisão foi feita para criar uma dinamicidade na imagem. A dinâmica gerada por esse enquadramento não poderia ser feita em um ângulo frontal, pois a imagem fica ‘chapada’ e irá cansar a visão do espectador.

Optou-se por excluir o uso de imagens de descanso porque haveria perda na qualidade das entrevistas, no encadeamento de ideias e, por consequência, iria confundir o espectador e desviá-lo do foco da discussão abordada.

Durante a entrevista do professor Hilan Bensusan foi mencionado o termo “cis”. A explicação do significado do termo consta no Anexo 1 na página 31.

2.1.4 Edição

O documentário foi editado no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) com o auxílio dos editores de imagem Aline Santiago e Samuel Andrade. O trabalho realizado por eles foi essencial para a realização do documentário.

Foi escolhido o recurso audiovisual chamado “cartela” por recomendação do coordenador das ilhas de edição, Jackson Sena. Este recurso foi usado para a apresentação das perguntas e também para dar um pequeno respiro ao espectador quando estiver assistindo ao documentário. O recurso também foi selecionado como uma referência ao cinema mudo e ao mutismo e zonas de silêncio existentes sobre os assuntos: gênero sexual e sexualidade humana.

O texto selecionado para as cartelas não possui necessariamente um vínculo com as perguntas utilizadas no roteiro de entrevista. Durante a realização das entrevistas foram levantadas questões que não estavam inclusas no planejamento das perguntas. A escolha e criação dos textos para as cartelas foi feita de acordo

com o teor do conteúdo das gravações e os trechos selecionados para uso no documentário.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O gênero documentário

O gênero documentário pertence ao cinema e possui inúmeras diferenças e semelhanças com outros gêneros cinematográficos.

Não existe um consenso entre os estudiosos da área sobre a exata definição sobre o que seja um documentário e sobre a natureza do seu gênero. Muitas definições sobre documentário ressaltam a importância da relação com o apresentado e a realidade, não necessário em gêneros como a ficção, e também o material que é colhido *in loco* irã retrata a realidade de forma crua, sem interferências.

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Por um lado, recorre a procedimentos próprios do cinema (escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc.). Por outro lado, enquanto espectadores, exigimos que um documentário, por manter uma relação de grande proximidade com a realidade, deva respeitar um determinado conjunto de convenções: não direcção de actores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, câmara ao ombro, etc. Estes recursos constituem o garante da autenticidade do representado (PENAFRIA, 2001, p. 01).

O documentário pode ser visto como uma jornada em que o espectador será levado a fazer, na expectativa de que irá aprofundar o conhecimento acerca do tema abordado. Manuela Penafria afirma que o documentário é uma intervenção feita sobre a realidade e o documentarista irá compartilhar percursos com o expectador.

O documentarista pode ser visto como um contador de histórias que irá compartilhar relato por meio de recursos audiovisuais. Os temas a serem abordados são variados podendo ser cultura, tecnologia, população, fatos curiosos e inúmeros outros.

Decidir fazer um documentário é uma intervenção na realidade, é um percurso que se faz e que se partilha com o espectador. Um percurso .equacionado por uma relação de confronto e/ou uma relação de compromisso com os intervenientes/personagens (PENAFRIA, 2004, p.06).

O documentário irá essencialmente contar e mostrar fatos ou uma realidade ao expectador, essa característica garante ao gênero um caráter narrativo. A história é contada usando recursos pertencentes ao gênero cinematográfico, para tal o

documentarista deverá pensar e organizar uma linha narrativa para contar uma realidade ou fatos de forma com que o documentário tenha coesão e coerência e faça sentido.

Um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da acção, tempo da acção e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico. A suportar tudo isto deve estar uma ideia a transmitir. Essa ideia a transmitir constitui a visão do realizador sobre determinado assunto (PENAFRIA, 2001, Página 01).

O narrador no documentário é o personagem que dita o ritmo da história e como ela será contada. Ele também é quem irá organizar e seleccionar tópicos pertinentes ao tema, que auxiliarão o espectador a orientar-se para o sentido percorrido pelo assunto em questão. O narrador em um documentário pode aparecer diretamente ou pode estar incluído de forma indireta por meio de recursos como a locução em off ou a cartela.

Narrador é um recurso de narrativa, que a partir de um ponto de vista, percebe, interpreta, selecciona, organiza e, por fim, narra os pontos de foco que seleccionou de uma massa de estória. (CAMPOS, 2007, p. 47).

O documentário, como os demais gêneros cinematográficos, contém elementos que cativam o espectador, a fim de mantê-lo assistindo à história. A narrativa deve ser contada de forma que faça sentido e nexos no interior do relato. A estrutura se assemelha a uma “teia de aranha”, na qual um assunto irá se entrelaçar com os demais.

Em geral, os fios de uma história são imaginados como as teias de aranha que são tecidas: eles provêm do cerne da história que você quer narrar, são ditados pelo imaginário que você possui e são balizados pelo imaginário das pessoas para quem você escreve (CAMPOS, 2007, p. 27).

O vínculo com a verdade é tomado como essencial para qualquer documentário, porém o documentarista não precisa ser imparcial, podendo ele mostrar apenas o lado que julgar importante e quiser ilustrar. O preceito dito como fundamental para o exercício da atividade jornalística é apresentado de forma mais flexível, porém não é rompido, vide precisa ter um compromisso em relatar a verdade.

Debita-se ao documentário uma certa inocência epistemológica, cometendo-se um duplo erro: 1) analisar o documentário a partir de um discurso inocentemente totalizador e transparente (o que não corresponde à realidade, em função da diversidade estilística que vimos tentando afirmar para o campo); 2) e, mesmo se

assim o fosse, ter um parâmetro relativamente pobre para julgá-lo: o parâmetro que gira exclusivamente em torno da ênfase na fragmentação subjetiva como saída ética. O discurso contemporâneo sobre a sobreposição do campo ficcional e do campo documental, na realidade, responde a demandas posicionadas a partir deste "duplo erro". (RAMOS, 2002, p. 02)

O documentário é um gênero que possui inúmeras semelhanças e diferenças com o jornalismo e os demais gêneros cinematográficos, ele deve ser estudado como um gênero singular e não confundido com uma reportagem ou um filme dramático. Pode-se afirmar que o documentarismo trouxe ao mundo uma forma de retratar a realidade sob uma ótica mais aprofundada e trazer conhecimento ao público. O caráter sócio-educativo que pode ser observado em documentários é essencial ao entendimento desse gênero narrativo.

3.2 A questão de gênero (sexual) como fato social

O estudo da comunicação social se ampara em áreas expressivas do conhecimento como antropologia, sociologia, linguística, semiótica, história e muitos outros campos de estudo. A sociologia, por exemplo, fornece um apoio especial para a compreensão da sociedade e seus membros.

O entendimento desses grupos sociais passa por inúmeras descrições que irão detalhar o funcionamento e articulação da sociedade com as chamadas instituições (políticas, educacionais, religiosas, sociais, família e outras).

Os estudos de Emile Durkheim fornecem uma definição dos chamados fatos sociais, que foram analisados e definidos como exteriores ao indivíduo e o inserem em uma realidade maior que irá inibir a individualidade. A pessoa irá passar a se comportar como um ser social dentro dos padrões de conduta que grupo considera normal.

Na verdade, antes de os fatos sociais poderem ser tratados como coisas, ou seja, tornarem-se e passíveis de serem submetidos ao método positivo, Durkheim precisou conferir-lhes o estatuto de objetos do conhecimento científico, diferenciando-os dos fatos individuais ou psicológicos, e dos fatos gerais ou vulgares (construídos a partir do senso comum). Os fatos sociais são caracterizados e definidos por sua exterioridade ao indivíduo, e por exercer sobre ele uma coerção ou um poder imperativo. São, portanto, alheios à vontade individual, que está submetida a eles, em grau variado, porém, de modo inescapável (SCHNEIDER e SCHMITT, 1998, p. 11).

Durkheim define, a partir dos fatos sociais, o que um grupo social toma como comportamentos e condutas patológicos, por exemplo. O membro da sociedade irá exibir comportamentos patológicos quando for desviar do conjunto de normas e padrões aceitos e definidos como normais pelos demais membros do grupo. Tal desvio precisa ser estudado de acordo com o grupo em questão, pois fatos como casamentos, crimes e relações de gênero podem ser interpretados de formas distintas.

O tipo social médio está na fronteira entre o que é normal e comum aos olhos humanos com aquilo que é anormal (patológico). O tipo social médio é algo parecido com a classe nas sociedades animais: integram uma classe os seres que possuem características semelhantes, embora alguns possam ser desviantes em certo grau (SCHNEIDER e SCHIMITT, 1998, p. 15).

O processo de educação social deve ser considerado essencial pela natureza de regulamentação que irá minimizar desvios de conduta para normalizar e homogeneizar todos membros. O caráter de controle observado torna-se um mecanismo eficiente para o controle social e também para garantir a coexistência harmoniosa das pessoas. As várias formas de educação formal e informal irão adestrar os novos membros ensinando a ele as diversas regras para o convívio social.

[...] seria possível concluir que o agente social para Durkheim é visto como um organismo em que os instintos e os desejos infinitos devem deixar de ser regulados naturalmente. Uma educação normativa e moral deveria assentar a unidade entre indivíduo e sociedade, ambos concebidos como duas faces de uma mesma realidade. Mais do que isso, o sucesso desse processo educacional seria caracterizado pela construção de um ser social totalmente identificado com os valores societários. (SETTON, 2005, p. 338)

A educação é fornecida pelas instituições que podem ser políticas, sociais, educacionais, religiosas e inúmeras outras. Tais instituições irão englobar todo o espectro de vivência do indivíduo, desde os primeiros anos de vida até a morte. Desde o nascimento e inserção em um grupo social, a doutrinação e educação é dada para torná-lo um membro da sociedade e torná-lo operante e eficiente dentro de um sistema.

As instituições irão se incumbir de garantir e sacramentar valores sociais importantes e fundamentais para a convivência em grupo. São eles os valores morais e éticos, religiosos e sociais. As instituições são também responsáveis pela visão que o grupo possui sobre a família, o casamento, o crime e a sexualidade, que

tomam significados completamente diferentes dependendo da sociedade e do período histórico de referência.

A influência que as ações de socialização e as instituições possuem sobre a vida dos membros da sociedade podem ser observadas, pois essas ações ao se sedimentarem se incumbem da inserção de cada indivíduo no seio do convívio social.

A repercussão das proposições socializadoras de Durkheim pode ser observada nas contribuições de outros sociólogos que se debruçaram sobre o mesmo tema. É possível identificar que grande parte das abordagens culturais e funcionalistas da socialização acentuam essa característica essencial da formação dos indivíduos, pois a entendem como a incorporação das maneiras de ser de um grupo, uma visão de mundo e uma relação com o futuro, em outras palavras, a interiorização incondicional de valores, normas e disposições sociais que fazem do indivíduo um ser socialmente identificável (SETTON, 2005, p. 339).

A educação toma lugar em um contexto formal e informal que possui funções distintas e irá ensinar os valores sociais em âmbitos diferentes e com finalidades diversas. A educação se dá primordialmente na família, que transmite os fundamentos necessários para o convívio social como a língua e comportamentos inicialmente adequados para se viver em sociedade. Após essa primeira etapa, o indivíduo é inserido na escola, onde terá o primeiro contato com outros membros da sociedade e irá aprender juntamente com eles, sob orientação de um (a) professor (a), como se deve comportar quando em grupo. A moldagem do comportamento é um processo complexo e pode ser vista como um exercício de socialização, porém o indivíduo, ao final, irá absorver quase que integralmente os valores sociais e terá a individualidade em parte restringida por estas ordens sociais.

Nesse mesmo estudo, Durkheim afirma que, diferente da família, voltada a ensinamentos de caráter privado e doméstico, a escola surge como complementar a esta, como instituição responsável pela construção de indivíduos morais e eticamente comprometidos com o ideal público. A sociedade do final do século XIX, segundo o autor, demandava a construção de espíritos solidários e altruístas para consolidar o projeto de modernidade do século XX. A educação moral das instituições família e escola teria a responsabilidade, portanto, de forjar a personalidade de um novo sujeito social, agora identificado com a proposta de uma sociedade burguesa e capitalista (SETTON, 2005, p. 338).

As instituições possuem o duplo papel de inserir e educar o indivíduo e, por outro lado, reprimir e gerar meios para normalizar e silenciar os membros da sociedade que exibirem comportamentos nocivos ou considerados desviantes em

relação ao normal. Os mecanismos de controle são observados para evitar que pessoas apresentem comportamentos fora do padrão social vigente e também para coibir quem possui uma conduta dita patológica. As zonas de silêncio podem ser observadas ao redor de pessoas loucas, criminosas, adúlteras e inúmeros outros temas considerados tabus. Michel Foucault em 1970 na aula inaugural no *Collège de France*, intitulada “A ordem do discurso”, falou acerca do silêncio criado sobre a loucura e o louco.

[...] o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo [...] (FOUCAULT, 1970, p. 10 e 11).

As pessoas enquadradas como fora do padrão recebem inúmeras denominações e são condenadas à ‘não existência’, como se não fossem dignas e merecedoras do direito de conviver em sociedade com os demais membros. Esses indivíduos que exibem o desvio da norma social vigente são ou isolados do convívio social em instituições criadas para este fim, como os hospícios e as cadeias, ou discriminados de forma velada.

3.3 O discurso social de Michel Foucault

O discurso social adotado, para a sexualidade é nascido a partir da influência de inúmeras instituições, porém a religião possui um papel essencial. A religião, desde os primórdios, é tida como algo que dá sentido à vida e explica e também guia o comportamento dos seguidores.

A vida é gerada a partir do ato sexual e desde o ato da concepção e nascimento serão dadas explicações sobre como viemos ao mundo e como devemos viver para perpetuar a existência da raça humana. Na nossa infância são criadas justificativas românticas com historinhas como a da cegonha, mas quando adentramos a vida adulta, iremos conhecer o ato sexual e as repercussões que ele tem. As religiões irão explicar e entender o ato sexual de inúmeras formas, a influência religiosa nas sociedades ocidentais vem especialmente da religião católica.

Michel Foucault afirma que, a partir da era vitoriana, houve uma mudança na postura social diante da sexualidade, anteriormente era observada a abertura e franqueza diante do assunto e após passou-se a observar o controle e silêncio.

A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio o segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse *status* e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1976, p. 9 e 10).

As crianças vistas como anjos e seres assexuados não deveriam ser expostas ao sexo a fim de não serem contaminados e terem sua pureza comprometida. O sexo era interdito e controlado no discurso social, quando na idade apropriada iriam aprender o sexo numa visão funcional que buscasse a reprodução e perpetuação da espécie humana.

As crianças, por exemplo, sabe-se bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor o silêncio geral e aplicado (FOUCAULT, 1976, p. 10).

O discurso social é controlado e reforçado de inúmeras formas e sustentado por práticas diversas. O arcabouço para o silêncio criado em torno da sexualidade humana é observado no ambiente familiar, na Igreja, na política e em outros locais. Mas também é reforçado no contexto educacional formal, que tem discursos controlados. Tais práticas podem ser vistas nas instituições educacionais, livros e bibliotecas que têm seus discursos e espaços censurados. Esse controle por sua vez, influencia a educação formal no ambiente familiar que irá refletir os valores impostos.

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto de práticas como a pedagogia, é claro como sistemas dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios de hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1970, p. 17).

O discurso social sobre a sexualidade obtém uma conotação de controle uma vez que os repúdios tornam-se condenações jurídicas e os desvios de comportamento começam a ser enumerados e taxados como doentios. A partir da

concepção do estudo das doenças de ordem sexual se criam curas para as perversões humanas.

Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação (FOUCAULT, 1976, p. 43).

O controle passou a ser exercido sobre qualquer espécie de relacionamento, inclusive sobre o relacionamento matrimonial. As relações sexuais do casal eram controladas pela Igreja e pela própria família, os cônjuges possuíam a obrigação de gerar herdeiros. A liberdade praticamente inexistia e todos os aspectos do relacionamento passavam por fiscalizações.

O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era foco mais intenso das restrições; era sobretudo dela que se falava; mais do que qualquer outra tinha que ser confessada em detalhes. Estava sob estreitas vigilâncias: se estivesse em falta, isto tinha que ser mostrado e demonstrado diante de testemunha (FOUCAULT, 1976, p. 44).

A relação do discurso social com as instituições passou por um estreitamento no qual o que era falado passou a ser quase que integralmente controlado. As relações sexuais passaram a ser estudadas e a partir disso foram determinados certos desvios de comportamentos passíveis de extermínio e cura.

3.4 A educação sexual nas escolas brasileiras

Existem várias formas de abordar o sexo e a sexualidade na escola, Jimena Furlani (2011) estuda essas inúmeras maneiras que apresentadas apresentadas na escola, que irão repercutir sobre o discurso social predominante e a visão que a sociedade possui sobre a questão de gênero no Brasil. Ao total, segundo a autora, foram apresentadas oito abordagens distintas.

A *abordagem biológico-higienista* é a mais utilizada no sistema educacional brasileiro e vista por muitos como a única forma de ensino e educação. A abordagem parte de preceitos biológicos nos quais são vistos um determinismo a partir da condição sexuada anatômica que irá conferir ao indivíduo uma certa postura social, tendo como fator determinante a condição biológica.

Por manter inquestionáveis as premissas acerca do determinismo biológico, considera as diferenças entre homens e mulheres decorrente dos atributos corporais – o que contribui (e contribuiu) para tanto a naturalização das desigualdades sexuais e de gênero quanto para a formulação dos enunciados que hierarquizam essas diferenças (por exemplo, premissas machistas, sexistas, misóginas e homofóbicas) (FURLANI, 2011, p. 16).

A *abordagem moral-tradicionalista* é vista em programas de abstinência, como a única maneira segura de prevenção contra as doenças venéreas e gestações indesejadas. O sexo é ensinado a partir de um viés reprodutivo e que deverá apenas ser praticado nessa finalidade e dentro de um casamento. A censura observada é grande pois se ensina apenas uma forma de sexo, sexualidade e também do gênero e papéis sexuais.

Destaco que, talvez, a crítica mais contundente a esse tipo de educação sexual é o da privação da informação – pela censura que assume. Ou seja, uma vez que a abordagem aposta que a castidade será assumida como comportamento, seu programa não apresenta e não discute com os/as jovens, formas de prevenção e práticas sexuais seguras (FURLANI, 2011, p. 18).

A *abordagem terapêutica* busca os motivos psicológicos para os desvios de conduta tachados como anormais e irá propor a cura. A homossexualidade, a transsexualidade e outras identidades são vistas como anormais e doentias. A norma encontrada é a heterossexualidade que vem de uma grande influência de grupos religiosos. O normativo achado irá promover a intolerância e a preservação de dogmas religiosos e, por consequência, condicionar a existência de inúmeras pessoas como doentia e errada.

Trata-se daquela que busca “causas” explicativas para as vivências sexuais consideradas “anormais” ou para os “problemas sexuais”. Afirma ser capaz de obter a “cura” das pessoas (FURLANI, 2011, p. 19).

A *abordagem dos direitos humanos* surge com o aumento dos debates sobre direitos humanos e irá buscar promover princípios de igualdade e a diminuição da intolerância e do preconceito. São consideradas inúmeras condições que podem gerar preconceito, como o machismo observado diante das mulheres, e a homofobia praticada com homossexuais. A partir dessas intolerâncias se propõe a discussão no ambiente escolar para inserir e abolir a exclusão social.

A educação sexual baseada na abordagem dos direitos humanos é aquela que fala, explícita, problematiza e destrói as representações negativas socialmente impostas a esses sujeitos e às suas identidades “excluídas”. Trata-se de um processo educacional que é assumidamente político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual, mais humana – na totalidade semântica desses termos (FURLANI, 2011, p.24).

A Declaração dos Direitos Sexuais foi o norte para a abordagem pedagógica dos direitos sexuais em sala de aula, foi um marco por reconhecer direitos como a liberdade sexual e o prazer sexual. A tolerância e o respeito são ensinados aos alunos junto à compreensão e valorização das diferenças sexuais, o ponto de vista apresentado ajuda na diminuição de estigmas como o sexismo e machismo.

Embora tenha sido elaborada no sentido generalizado no que concerne às diversas identidades sexuais, a declaração pode ser vista como um documento político, de reivindicações e conquistas, de reconhecimento e respeito aos grupos e/ou sujeitos subordinados (FURLANI, 2011, p. 24).

A *abordagem emancipatória* quebra a dinâmica pedagógica tradicional pela qual o professor é detentor do conhecimento e o aluno possui apenas a função de absorver o conteúdo ensinado em sala. A instrução e formação é buscada junto, alunos e professores irão analisar um fato e perceber a realidade social conjuntamente.

No Brasil, foi a partir do debate sobre educação popular que começou a entrar na pauta pedagógica e política a ideia de uma “educação emancipatória”. Paulo Freire formulou a “pedagogia do oprimido” baseada numa “educação libertadora” que foi amplamente utilizada, quer seja no âmbito da escolarização formal, quer seja nos sindicatos, nos partidos políticos ou nos movimentos sociais. As ideias freirianas serviram de inspiração às lutas por uma sociedade brasileira mais consciente e menos desigual... Uma teoria indissociada de uma prática política por mudança (FURLANI, 2011, p. 31).

A *abordagem queer* surge a partir dos movimentos gays que buscam a criação de uma identidade social própria e reafirmação da existência. A quebra de dogmas existentes a partir de um norte heterossexista é essencial, pois em outras análises a homossexualidade é encarada como uma realidade patológica e doentia. A busca pela desconstrução da realidade heterossexual normativa visa à maior aceitação e tolerância das diferenças sexuais.

Pode-se dizer que as reflexões e críticas advindas do movimento de liberação gay e do feminismo lésbico contribuíram para o surgimento da teoria queer na medida em que algumas de suas análises possibilitaram o rompimento com modelos que buscavam definir e legitimar uma única identidade homossexual. A política da identidade, desenvolvida até então, passou a ser criticada pela perspectiva queer, ao passo que essa deixava fora certos sujeitos que não faziam parte de um pretense modelo identitário de homossexualidade, então hegemônico, construído pelo movimento gay e lésbico (FURLANI, 2011, p. 35).

Pode-se perceber que, no Brasil, as abordagens pedagógicas sobre a sexualidade sofrem uma grande influência da Igreja. Entretanto, as premissas passadas por meio da educação formal partem de conhecimentos religiosos,

biológicos e deterministas, que irão manter estigmas e preceitos de um discurso social que busca a afirmação da heterossexualidade e negação de identidade que apresentem desvios do normal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se propôs investigar como a população percebe e trata a sexualidade humana sob a perspectiva de gêneros e papéis sexuais.

O objetivo inicial foi observar os tabus sociais sobre gêneros e papéis sexuais e a partir disso produzir um documentário. Mas ao longo da realização das etapas, que incluíam a reflexão materializada neste memorial e as entrevistas que compõem o produto, as expectativas iniciais foram superadas. Deve-se ressaltar, aqui, que o conteúdo obtido nas entrevistas foi valioso e vital para o alargamento da compreensão do debate proposto.

Pôde-se perceber durante o trabalho que os entrevistados e especialmente no “povo fala” refletem pouco sobre a questão e quando questionados a respeito se surpreenderam por não entender as perguntas ou por não perceber o porquê de questionar um assunto que parece óbvio e natural.

A naturalização do tema tem raízes históricas que limitam o discurso, visando ao controle da população e a subsidiá-la com respostas simples e taxativas que não abrem espaço para levantar questionamentos ou debates sobre a sexualidade humana. Uma pequena abertura pôde ser percebida ao longo dos últimos anos, porém a resistência da sociedade ainda é grande e os estigmas herdados cultural e historicamente são rígidos, e mesmo, difíceis de serem mudados. A censura ainda pode ser observada, pois os discursos de indivíduos que pensam e agem ‘de maneira diferente’ são tolhidos pelos grupos majoritários, senão mesmo, o próprio indivíduo é repudiado socialmente. Tais sanções muitas vezes envolvem a total obliteração do discurso do indivíduo, o que o condena a uma espécie de não existência.

A história e a educação nos ensinam apenas uma forma de viver, e quase toda a vivência que temos desde nossa infância é de relatos de homens e mulheres heterossexuais, uma estrutura que busca manter e perpetuar um padrão heterossexista. Tal conjuntura serve à função social mais primária na escala humana das necessidades, que é a da reprodução da espécie.

Pôde-se perceber também, ao longo da gravação do “povo fala 01”, que muitas pessoas respondiam ‘masculino’ ou ‘feminino’ quando perguntadas sobre qual seria o gênero sexual. Após reflexão sobre as respostas ficou evidente a influência que a terminologia técnica utilizada para a designação de gêneros sexuais em formulários como os do CENSO/IBGE, entre outros, exerce sobre a população. A apropriação dessa terminologia impacta a forma como as pessoas criam a identidade sexual, especialmente a maneira como irão se comportar socialmente e desempenhar seu gênero sexual perante outros membros da sociedade.

Inicialmente foi lançada a hipótese de que a falta de reflexões e debates sobre o assunto implicaria em uma simplicidade e naturalização na maneira como a sociedade trata o tema. Também cogitou-se que as pessoas tenderiam a pensar de uma forma mais naturalista, levando-se em consideração a condição anatômica como um fator determinante para a definição da identidade sexual. A separação entre condição genital e as condições subjetivas que irão determinar a sexualidade e a expressão de gênero de cada indivíduo é difícil, porque vivemos em uma sociedade com uma enorme influência religiosa e aprendemos, desde nossa infância, que nosso gênero se define nos órgãos genitais que possuímos.

O entendimento do tema gênero ampliou-se. Inicialmente foram formuladas hipóteses a partir de observações empíricas que se mostraram até ingênuas, tendo em vista a complexidade objetivada na construção de ideias do produto aqui apresentado. Porém, nas entrevistas com especialistas e no “povo fala”, foram percebidas inúmeras outras questões que envolvem os tabus. Observações como a apropriação de terminologias técnicas, a repercussão das tensões sociais para corresponder às expectativas dos estereótipos de gêneros sexuais, o estigma imposto e discriminação sobre pessoas que fujam da norma vigente e especialmente o tratamento de normalização a pessoas interssexuais (hermafroditas).

As entrevistas com uma “transsexual” e outra com um representante do Ministério da Educação (MEC) não puderam ser feitas, dada a dificuldade de marcação e conciliação de horários.

A delimitação das entrevistas foi dada de acordo com tempo destinado para a duração do vídeo. Cortes foram feitos dado o prazo final de entrega. O tempo foi usado ao máximo, porém ele foi um fator determinante, pois se houvesse uma data

mais elástica para a entrega do produto seria possível realizar mais entrevistas e detalhar outros aspectos relevantes para uma abordagem mais completa do tema.

Futuramente outros pesquisadores e documentaristas poderão ampliar a discussão aqui proposta, levando em conta novas variáveis sociais e culturais que, eventualmente, venham a fazer parte do contexto de discussão dos gêneros. Tal abordagem poderá ser feita desde novos pontos de vista e indagações.

O documentário possui um caráter pedagógico podendo ser usado em sala de aula para explorar conteúdos relacionados ao tema. Cada bloco do documentário possui sentido definido e é autossuficiente, mas os blocos fazem uma comunicação global gerando vínculos entre as falas. O documentário por esse fato pode ser visto em partes, ou no todo, sem prejuízo da compreensão da idéia principal que o espectador deverá depreender do conteúdo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Livros

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão**: A arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber v.1. SP: Santa Ifigênia: Graal, 2010.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. SP: São Paulo, Autêntica, 2011

5.2 Artigos

PENAFRIA, Manuela . “**O documentarismo do cinema**”. in Revista Ícone, Ano 6, nº 7, Julho de 2004, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, pp. 59-72, 2004.

PENAFRIA, Manuela. “**O ponto de vista no filme documentário**”. in Uma clareira no caminho das Estrelas – Olhar sobre uma década de Documentário em Portugal, Edição do Centro Cultural Malaposta - Amascultura, XII Encontros Internacionais de Cinema Documental, Lisboa, pp. 8-12, 2001.

SETTON, M.G.J. A **particularidade do processo de socialização contemporânea**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

RAMOS, Fernão Pessoa . **O Que É Documentário?**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, Portugal, 2002.

ANEXOS

Anexo 1

Texto explicativo do professor Hilan Bensusan esclarecendo o significado do termo “cis”. Conteúdo enviado via e-mail dia 20 de abril de 2012 (sexta-feira) às 22h09.

“oi Julia,

Uma pessoa é TRANSsexual se ela passou (ou quer passar) por um processo de transição de sexo. Uma pessoa é CISsexual se ela não passou por isso. Homens e mulheres cis são as vezes chamados de homens e mulheres biológicos, mas essa terminologia é tida como cissexualista pois insinua que os corpos trans são menos biológicos.

afeto, Hilan”

APÊNDICES

Apêndice A

Modelo de autorização de uso de imagem

Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha imagem no documentário “Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais”. O documentário, realizado pela aluna Júlia Udihara Balthazar e orientado pela professora Doutora Cláudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em jornalismo. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Brasília/DF, _____ de _____ de 2012

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

Apêndice B

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pela entrevistada professora Dr^a.
Tatiana Lionço

Apêndice C

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pelo entrevistado professor Dr.
Hilan Bensusan

Apêndice D

Cópia da autorização de uso de imagem assinada pela ministra Elizabeth Rocha
(STM)

Apêndice E

Roteiro de perguntas para a professora Dr. Tatiana Lionço

Roteiro de entrevista: Tatiana Lionço

1. Por que não conseguimos responder a uma pergunta tão simples que é algo básico que nos define como pessoas?
 - a. Pergunta: Qual seu gênero sexual? Por quê?
2. O gênero e papel sexual é inato ou aprendido?
 - a. Como é a questão da bissexualidade na psicologia?
 - b. O que é a bissexualidade na psicologia?
 - c. Como a questão das crianças não saberem diferenciar os gêneros sexuais?
 - d. Todos somos inicialmente bissexuais? Por quê?
 - e. Como é a questão da bissexualidade que é tomada em teorias como fundamental à organização do psiquismo humano?
3. Quais as implicações psicológicas para as pessoas que têm uma diferença entre o “sexo anatômico” e a identidade sexual?
 - a. Como essas pessoas encaram a sexualidade?
 - b. Como é a questão do dilema somato-psíquico enfrentado por eles?
4. Psicologicamente sexo anatômico é diferente de identidade sexual?
5. Existem formas de fugir à concepção formal e tradicional de sexo e identidade sexual sem ser transsexual?
 - a. Como é a questão da homossexualidade?

Apêndice F

Roteiro de perguntas para o professor Dr. Hilan Bensusan

Roteiro de entrevista: Hilan Bensusan

1. Como a sociedade nos ensina e molda nosso comportamento sexual?
 - a. Como aprendemos o que é gênero e papel sexual?
 - b. Quais os mecanismos sociais usados?
2. Instituições sociais como a família e a escola possuem que espécie de influência sobre nossa sexualidade e percepção de gênero sexual?
 - a. Essas instituições nos ensinam?
 - b. O que as instituições fazem quando um indivíduo apresenta um comportamento patológico (desvio padrão do que a sociedade considera normal)?
3. Como nossa individualidade/subjetividade/desejos podem ser moldados pela sociedade em que vivemos?
 - a. Relação entre 'eu' e o 'eu social'?
 - b. Somos seres sociais ou individuais?
4. Gênero e papel sexual é inato ou aprendido?
5. Como instituições religiosas como a Igreja influenciam nossa percepção de gênero e papel sexual?
6. Como a alteridade se aplica à sexualidade humana e aos gêneros sexuais?
 - a. Abordar outras religiões sem ser a Católica e Evangélica.
Exemplos:Candomblé, Umbanda, Hinduismo, Budismo, Islamismo...

Apêndice G

Roteiro de perguntas para a ministra Elizabeth Rocha (STM)

Roteiro de entrevista Ministra Elizabeth (STM)

- 1) Como a Constituição Brasileira percebe e trata transgêneros?
 - a. Pessoas têm direito a mudar de sexo? Em que situações se pode mudar de gênero?
- 2) Como a mutação constitucional se aplica à questão da sexualidade humana?
 - a. Em maio de 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homoafetiva. A união homoafetiva pode ser um sinal de uma maior liberdade e uma diminuição do preconceito com pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros)?
- 3) Outras nações tratam a questão de forma diferente? Como seria a abordagem dada por outras constituições?
 - a. Quais constituições seriam mais intolerantes ou tolerantes com o assunto?
- 4) A influência religiosa pode ser percebida na abordagem da sexualidade na Constituição Brasileira mesmo o estado brasileiro sendo laico constitucionalmente?
- 5) Muitas pessoas respondem quando perguntadas sobre o gênero sexual que são do gênero feminino/masculino, em grande parte por influência de formulários formais do governo e instituições privadas. Qual a influência que a terminologia usada por esses formulários possui sobre a população?
- 6) O estado possui que função quando o assunto é sexualidade humana?

A função seria de zelar pela garantia dos direitos fundamentais? / A função seria de controle e repressão.

Apêndice H

Roteiro do documentário

VÍDEO	ÁUDIO
IMAGENS DE DESCANSO NO CONJUNTO NACIONAL - Imagens em preto e branco - Início em slow motiom depois ir acelerando. - Simular a pressa da vida - Duração do trecho 16”	TIME CODE:19’54” até 20’47” (Fita 01) BG: My Wild Child 30 - Cai som.
SOBE DOIS TRECHOS DO “POVO FALA 01” *TODAS AS FALAS EM ON* Pergunta: Qual seu gênero sexual? Por que? SOBE DOIS TRECHOS DO “POVO FALA 01” *TODAS AS FALAS EM ON*	- TIME CODE: 21’20” até 22’30” / Fita 01 (PASTOR) Eu sou ‘homi’ porque eu sou ‘homi’... nasci ‘homi’ para ser ‘homi’. ‘Homi’ é ‘homi’ a palavra ‘homi’ é uma palavra de muito respeito, de muito moral. A senhora sabe que tem muitos ai deixando de ser ‘homi’ pra ser uma coisa atoa ai qualquer, isso é uma provocação muito grande a ‘Deuso’. ‘Deuso’ fez o ‘homi’ a sua imagem segundo a sua semelhança. Deu fonte de vida e o ‘homi’ se tornou alma vivente, alma vivente para adorar a ‘Deuso’. O ‘homi’ tem que ter muito moral para com ‘deuso’ e muita reverencia para com ‘Deuso’, muito amor para com ‘Deuso’ e mostrar que ele é homem mesmo a todos. A palavra ‘homi’ é uma palavra de muito respeito, então ser ‘homi’ para ser ‘homi’. E agora tem ‘homi’ ai querendo ser um gay isso ai não ta história de deus não. - TIME CODE: 25’18” até 25’40” (LUIZ CARLOS DA SILVA)

	<p>P. O senhor poderia me dizer seu gênero sexual?</p> <p>Meu gênero sexual? O que?</p> <p>INT: Qual seu gênero sexual?</p> <p>Não to entendendo essa pergunta</p> <p>INT: gênero?</p> <p>Pois é... sou homem</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque eu sou homem? Porque sou um homem desde que nasci (risos)</p>
<p>CARTELA</p> <p>Qual seu gênero sexual? Por que?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>SOBE “POVO FALA 01”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p> <p>Pergunta: Qual seu gênero sexual? Por que?</p> <p>SOBE “POVO FALA 01”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p>	<p>- TIME CODE: 23’03” até 23’33” /Fita 01 (JOSÉ NICODEMOS TEIXEIRA)</p> <p>Meu gênero sexual para mim é a mulher, é o melhor que deus deu no mundo para mim</p> <p>INT: Homem ou mulher?</p> <p>Perá lá será que você não tá vendo que tem um homem aqui. Um homem de 85 anos mas nunca jogou a peteca fora...</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque nasci assim e tem que honrar o nome do homem.</p> <p>- TIME CODE: 24’12” até 24’20” /Fita 01 (ROSEMARY DIAS)</p> <p>Feminino (carinha)</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque eu sou mulher? (carinha)</p> <p>- TIME CODE: 25’58” até 26’10” / Fita</p>

	<p>01 (JOSÉ MARIANO)</p> <p>Eu sou macho/ masculino</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque eu nasci assim.</p> <p>Homem/homem... mulher/mulher</p>
<p>SOBE NOME DO DOCUMENTÁRIO</p> <p>Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>CARTELA</p> <p>Por que é tão difícil respondermos a uma pergunta tão simples?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>TATIANA LIONÇO</p> <p>(psicóloga)</p> <p>Imagem on</p> <p>GC:</p> <p>Tatiana Lionço</p> <p>Prof. Dr. Em psicologia</p>	<p>TC: 01'19'' até 02'01'' (Fita 01)</p> <p>Não sei se é uma pergunta que as pessoas não sabem responder, acho que é uma pergunta que não se coloca porque ela parece auto-evidente, então parece muito natural que mulheres sejam mulheres e homens sejam homens. Mas algumas condições subjetivas irão revelar toda a complexidade que é essa apropriação sempre singular da masculinidade e feminilidade. Por exemplo as subjetivações transsexuais onde uma pessoa nasce com uma determinada conformação anatômica sexuada, então por exemplo você nasce com o sexo feminino mas vem a se constituir homem.</p>
<p>CARTELA</p> <p>Sexo anatômico é diferente de identidade sexual?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>TATIANA LIONÇO</p> <p>(psicóloga)</p>	<p>TC: 02'09'' até 03'29'' (Fita 01)</p> <p>Eu diria que tradicionalmente inclusivamente na teoria biológica, nos</p>

CARTELA O que é a bissexualidade na psicologia?	Sem áudio
TATIANA LIONÇO (psicóloga) Imagem on GC: Tatiana Lionço Prof. Dr. em psicologia TATIANA LIONÇO (psicóloga) Imagem on	TC: 10'03" até 11'54" (Fita 01) Freud propôs esse conceito de bissexualidade psíquica, ou bissexualidade originária, para sinalizar justamente para essa abertura radical ao fazer-se do humano. Ou seja ele vai dizer de início nada garante que naturalmente o sujeito seja heterossexual e nada garante que você corresponda aos esteriótipos do que seja a mulher e o homem na sociedade. Então o Freud vai dizer que originariamente a disposição psíquica é bissexual e o que ele ta querendo dizer com isso é que todas as pessoas independente da marca sexuada no seu corpo ao nascer ela se identificará com traços de feminilidade e masculinidade e por outro lado também que o desejo ele pode alcançar tanto objetos masculinos quanto objetos femininos. Então Freud não vai dizer que todos somos bissexuais nesse sentido de que todo mundo deseja homens e mulheres ao mesmo tempo, não é isso que ele ta querendo dizer. Ele ta querendo dizer que a subjetividade humana ela é originariamente aberta a uma multiplicidade de formas e evidentemente a historia do sujeito vai determinar uma orientação para o desejo, uma representação para si próprio que é uma espécie de posicionamento em relação a diferença sexual.
CARTELA Como aprendemos nosso gênero	Sem áudio

sexual?	
<p>SOBE “POVO FALA 02”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p> <p>Pergunta: Como aprendemos nosso gênero sexual?</p>	<p>- TIME CODE: 00’24” até 00’52” / Fita 02 (VALDILON GOMES DA SILVA)</p> <p>Desde a adolescência já gostava da parte de menina, parte feminina... gostava mais de mulheres neh? Nunca tive essa vocação pro outro tipo de sexo...</p> <p>INT. Mas o senhor aprendeu como: na escola? na igreja?...?</p> <p>Acho que mais por curiosidade mesmo lendo revistas as vezes vendo TV. Escola mesmo na minha época não ensinava esse tipo de coisa... (risos)</p> <p>- TIME CODE: 33’52” até 33’58” / Fita 01 (MARIA DO SOCORRO)</p> <p>Eu aprendi pelos outros neh? vendo as coisa tudo ... ai aprendi.</p> <p>- TIME CODE: 01’10” até 01’35” / Fita 02 (João de Macedo)</p> <p>Isso veio de uma criação de uma família tradicional, religião e a cultura que minha mãe e meu pai passou para gente neh?</p> <p>INT: Como que eles passaram?</p> <p>Passaram de uma forma bem exemplar e a gente seguiu a tradição deles. Então isso é a coisa familiar mesmo, a agente segue os costumes da família. Cada um segue os princípios familiar...</p>
<p>CARTELA</p> <p>Como as instituições agem quando um membro apresenta um comportamento ‘patológico’?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>HILAN BENSUSAN</p>	<p>TIME CODE: 08’56” até 09’37” (Fita</p>

<p>(filósofo)</p> <p>Imagem on</p> <p>GC:</p> <p>Hilan Bensusan</p> <p>Prof. Dr. em filosofia</p>	<p>01)</p> <p>Agem brutalmente, muitas vezes as instituições não precisam nem fazer nada porque os próprios, é o que se chama de sociedade de controle neh, atualmente dizem que a gente não ta mais numa sociedade de disciplinamento, dizem que a gente ta numa sociedade controle. O disciplinamento assim, você tem a instituição prende todo mundo fala assim ohhh -as meninas para cá e os meninos para lá- e quem não se comportar como menininho aqui vai prende, arrebenta e tal... isso é a sociedade do disciplinamento. O disciplinamento tem suas maneiras de fugir também neh.</p>
<p>CARTELA</p> <p>Como as estruturas biológicas “hermafroditas” são tratadas?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>HILAN BENSUSAN</p> <p>(filósofo)</p> <p>Imagem on</p> <p>HILAN BENSUSAN</p> <p>(filósofo)</p> <p>Imagem on</p>	<p>TIME CODE: 14’16” até 15’49” (Fita 01)</p> <p>Tem a padronização e portanto a exclusão do patológico ela não diz respeito simplesmente a condutas, não diz simplesmente a gênero diz respeito em certo sentido a gênero num certo sentido num certo uso da palavra tradicional da palavra gênero. Mas diz respeito também a certas estruturas biológicas, o caso intersexo é um caso muito muito importante ou seja a criança nasce intersexo a Anne Fauses Terin uma bióloga do intersexo, uma pessoa muito interessante, faz uma estimativa de um número bastante grande acho que ela diz que mais ou menos 4% da humanidade nasce intersexo. E ai o que acontece as operações de normalização começam no hospital, muitas vezes os pais nem ficam sabendo da normalização que acontece com os pirralhos. Ou seja o que eles fazem é como se fosse um medidor, o negócio é brutal, eles medem o tamanho do</p>

<p>*cortar a palavra “porra”</p>	<p> você não sabe neh. Por exemplo eu gosto muito de falar no caso dos homens pensar nesse caso muito interessante que o pessoal chama de ‘autoginefilia’. Ginefilia é o comportamento que você espera que um homem heterossexual tenha, ginefilia é gostar das mulheres, mas se espero que os homens sejam heteroginefilicos porque eles gostam da mulher nos outros... não em si mesmos. Você autoginefilico você quer ver a mulher em você, você olha no espelho e fala assim ‘eu não gosto de homem não, gosto de homem não, odeio homem ..?’... porque que eu tenho que ver essa porra no espelho... quero ver uma mulher, uma mulher que é bonito e ai você vai entrar numa onda de transsexualização porque na verdade você não suporta o corpo masculino. Então em certo sentido o comportamento hetero normal que é ginefilico, heteroginefilico, esse comportamento hetero normal é também um comportamento que procura mimetizar o pai. Mas você pode mimetizar o pai tanto que o pai diz assim ‘eu odeio homem, eu gosto de mulheres’ que o pai gosta tanto de mulheres que você passa a querer ser uma mulher. Existe o mimetismo a questão é como você padroniza esse mimetismo, como você canaliza esse mimetismo para gerar as estruturas sis. </p>
<p>CARTELA</p> <p> Como a alteridade se aplica a sexualidade humana? Nós definimos gêneros sexuais sempre pela negação do outro? </p>	<p>Sem áudio</p>
<p>HILAN BENSUSAN</p> <p>(filósofo)</p> <p>Imagem on</p>	<p>TIME CODE: 25’48” até 30’00” (Fita 01)</p> <p> Eliderai fala que as mulheres não existem porque elas são uma estrutura especular, como você falou, ou seja então elas são o outro do homem... aquilo que o homem </p>

<p>HILAN BENSUSAN (filósofo) Imagem on</p>	<p>não é. Então você não tem uma definição positiva de mulher, então a diferença não é pensada positivamente... a diferença sexual não é pensada positivamente. Então ela faz mais ou menos esse jogo de palavras entre 'homossexual' e 'homem sexual'...porque o homossexual não tem um verdadeiro hetero porque um outro, o outro é simplesmente especular (é o complemento, ou é uma negação...percebe?). Então mulheres elas desaparecem porque elas passam a ser simplesmente definidas a partir dos homens. Então quem é mulher...quem não é homem. E a ELIDERA I luta justamente para afirmar uma diferença positiva, não negativa. As mulheres são, enfim de todo o feminilismo da diferença. A diferença tem essa pegada de mostrar que a diferença não é uma exclusão, percebe? Porque aí você tem dois caminhos muito diferentes neh .</p> <p>Quer ver um exemplo que eu vou dar para você que me veio a cabeça agora com respeito a raça, uma vez tava vendo na televisão aqui no Brasil. O pessoal entrevistando na rua no início quando o pessoal tava começando a falar de cotas... aí o pessoal falava assim 'vem cá... você se considera negro?'... aí um cara respondeu a seguinte coisa 'não atualmente nós vivemos numa democracia...todo mundo é branco'. AHHHHH sacou? Então alguém poderia falar analogamente assim 'atualmente nós vivemos numa democracia.. todo mundo é homem',percebe? Todo mundo tem que ser tratado como homem... então em certo sentido existe um certo tipo de femilismo que desse tipo as mulheres.</p> <p>INT: a gente se define muito mais negando o que a gente não é do que afirmando o que a agente é?</p> <p>(Ganho na voz!)</p> <p>Eu acho que na estrutura de aprendizagem</p>
---	--

<p>GC:</p> <p>Hilan Bensusan</p> <p>Prof. Dr. em filosofia</p>	<p>de gênero padrão é isso... é muito uma exclusão, uma negação, uma estrutura especular. Muito mais que um estrutura de diferença , de diferença afirmada...positiva.</p> <p>INT: Se eu não tenho órgão fático masculino por inferência lógica sou menina e preciso me comportar igual menina ou seja usar rosa e vestido...</p> <p>(Ganho na voz!)</p> <p>De novo a questão da exclusão e da negação ela bate em várias anomalias neh? Por exemplo a anomalia do intersexo que a gente tava falando neh? É um problema neh porque não se trata de ter ou não ter um órgão fático masculino, cê falou, se você tiver um pouco de um órgão fático másculo percebe? E se você tiver um órgão fático masculino mas também uma vagina, como é que acontece? Então tem isso neh? Então há uma estrutura de negação do principio da alteridade, alteridade não... o outro. O outro pensado como aquilo que não é o padrão. Há essa estrutura...</p>
<p>CARTELA</p> <p>As pessoas tem direito de mudar de gênero sexual?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>SOBE “POVO FALA 03”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p> <p>Pergunta: As pessoas tem direito de mudar de gênero sexual</p>	<p>TIME CODE: 23’04” até 23’131” (Faria Neto) – Fita 02</p> <p>Eu acredito que não.</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque eu acho que Deus faz nós na maneira que nós deveria obedecer o que ele deixou nós ser...nesse padrão de sexo ou masculino ou feminino. Mas ele já deixou nós preparado pra vida como ele deixou no mundo...</p> <p>TIME CODE: 22’28” até 22’40” (Maria</p>

<p>SOBE “POVO FALA 03”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p>	<p>das Dores) – Fita 02</p> <p>Ah.. se houver necessidade com certeza neh? Não tem nada demais... penso eu que não tem nada demais. Eu acho que se é necessário...</p> <p>TIME CODE: 21’52” até 22’09” (João Pinto Formiga) – Fita 02</p> <p>Homem não, não pode mudar de sexo coisa nenhuma... tem que ser homem mesmo... certo? Nada de transação errada. Isso ficou para cara inescrupuloso, sem vergonha e muleque viu?</p> <p>TIME CODE: 15’42” até 15’54” (Lara dos Santos) – Fita 02</p> <p>Tem sim... direito ela tem sim. Porque eu acho que cada um tem o direito de ser o que... e ela vai enfrentar o preconceito. Mas ela tem o direito de ser ela quiser ser...</p> <p>TIME CODE: 15’02” até 15’29” (José Costa) – Fita 02</p> <p>Não isso ai é problema da pessoa. Agora o que eu acho errado é um colega de vocês falou essa semana que ele é favorável ao casamento do mesmo sexo. Isso é errado, completamente errado. Um homem vai casar com um outro homem. Isso é um absurdo... eu não concordo com essas coisas.</p>
<p>SOBE “POVO FALA 03”</p> <p>*TODAS AS FALAS EM ON*</p>	<p>TIME CODE: 13’08” até 13’21” (Edna Aragão Miranda) – Fita 02</p> <p>Na minha visão não.</p> <p>INT: Por que?</p> <p>Porque eu acho que a pessoa nasce dum jeito e é complicado ele mudar o jeito dele. E depois se se arrepender? E quiser voltar</p>

	ao que era... eu penso assim.
CARTELA A influência religiosa pode ser percebida mesmo o Brasil sendo um Estado constitucionalmente laico?	Sem áudio
ELIZABETH ROCHA (Ministra do Superior Tribunal Militar) Imagem on GC: Elizabeth Rocha Ministra do Superior Tribunal Militar (STM) ELIZABETH ROCHA (Ministra do Superior Tribunal Militar) Imagem on	TIME CODE: 00'16" até 02'19" – Fita 03 <p>Eu não vejo na constituição de persi, mas acho que na mentalidade brasileira e sobretudo no Congresso Nacional ai sim apesar da constituição invocar a proteção de Deus em seu preâmbulo ao invés da democracia popular e isso também é significativo. Mas a despeito disso o inciso sexto do artigo quinto defende a laicidade e sustenta que o Brasil é um Estado laico. Então é um Estado que todos cabem dentro dele os agnósticos, os ateus, os teístas, os deístas enfim todos os religiosos. Porque a laicidade não é uma inimidade com a fé, a laicidade não impede que homens e mulheres adiram a fé nem tão pouco elimina o mistério. Mas o que ela impõe é que tem que haver uma separação entre o temporal e o sagrado / o profano e o divino. E nesse sentido eu até acho que as religiões de uma certa forma influenciam sim as orientações legislativas. Mas isso é mentalidade para isso é necessário que haja uma mudança paulatina na visão social da coletividade, mas é como eu disse também hoje há um movimento muito grande por parte da intelectualidade, do poder judiciário, dos pensadores em favor da igualação em todos os sentidos. E o Estado de uma certa maneira se vê coagido, o Estado ele tem que acompanhar a evolução social e ele tem acompanhado de uma forma ou de outra se não é pelo legislativo ta sendo pelo poder judiciário.</p>

<p>CARTELA</p> <p>Como a constituição trata a sexualidade humana?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>ELIZABETH ROCHA (Ministra do Superior Tribunal Militar)</p> <p>Imagem on</p>	<p>TIME CODE: 31'48" até 32'34" – Fita 02</p> <p>Na verdade a constituição brasileira ela é excelente a respeito da questão da orientação sexual, parece inclusive que foi uma derrota que os grupos do LGBT tiveram no congresso na época da constituinte. Mas para além disso a constituição consagra direitos paralelos como a dignidade da pessoa humana, direito a felicidade enfim todos esses direitos que norteiam e que ornaram o indivíduo e nesse sentido então os transgêneros se encaixariam naquele direito social/individual de que as pessoas não podem ser discriminadas em razão do sexo e também em razão das suas orientações sexuais.</p>
<p>CARTELA</p> <p>Pessoas podem mudar de gênero de acordo com a constituição?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>ELIZABETH ROCHA (Ministra do Superior Tribunal Militar)</p> <p>Imagem on</p>	<p>TIME CODE: 32'37" até 34'10" – Fita 03</p> <p>Tem não existe nenhuma norma vedatória nesse sentido, a constituição não fala sobre isso especificamente e a legislação infra-constitucional não aborda o tema taxativamente mas não há nenhuma vedação em mudar de sexo ... ele é um corolário inclusive do direito a dignidade da pessoa humana porque todo mundo tem direito de se sentir bem dentro da escolha que faz existencialmente.</p>
<p>CARTELA</p> <p>Não existe um impedimento legal,</p>	<p>Sem áudio</p>

	<p>automática. É porque não tem lei neh? Não tem lei, então o burocrata lá que bate o carimbo ... ele nunca vai autorizar, nunca, ele nunca vai fazer. A discriminação ela sempre vai existir e a gente tem que saber conviver com ela (homens, mulheres, negros enfim) a gente vive numa sociedade de homens brancos e heterossexuais, esse é o perfil da sociedade que nós vivemos ... da sociedade ocidental e das sociedades também que não adotam nosso constitucionalismo. Agora o fato de existirem paradigmas segregadores, isso não impede que nós romper com eles. Eu acho que eu sou uma prova viva disso. Nós não devemos nos intimidar com conceitos pré estabelecidos e com ideias formadas, porque as ideias elas mudam... felizmente. Se não fosse assim nós estaríamos estagnados ainda no pensamento do século XVIII, que ate não foi ruim... porque foi o que desencadeou toda a mudança neh? Acho que a gente taria pior, nós estaríamos mais atrás ate que o século XVIII, nos estaríamos na idade das trevas... na idade média. E acho que a humanidade tem caminhado, a passos lentos porque a história ela transforma... ela é transformadora, mas ela é vagarosa. Mas ela tem se transmutado... felizmente.</p>
<p>CARTELA</p> <p>Como é a apropriação da terminologia técnica usada para a denominação de gêneros sexuais (masculino/feminino)?</p>	<p>Sem áudio</p>
<p>ELIZABETH ROCHA</p> <p>(Ministra do Superior Tribunal Militar)</p> <p>Imagem on</p>	<p>TIME CODE: 05'03" até 06'39"</p> <p>Na verdade essa apropriação de uma terminologia oficial para que seja identificados acho que os direitos, então você concede aposentadoria ao homem ou a mulher. Mas eu até entendo que na medida em que vá havendo a transmutação de ideias até esse quadradinho do sexo</p>

<p>GC:</p> <p>Elizabeth Rocha</p> <p>Ministra do Superior Tribunal Militar (STM)</p> <p>ELIZABETH ROCHA</p> <p>(Ministra do Superior Tribunal Militar)</p> <p>Imagem on</p>	<p>feminino ou masculino que você marca para se auto-identificar isso tudo também vai mudar. Mas por enquanto eu entendo que essa apropriação da linguagem de gênero é uma reminiscência e um resquício de paradigmas rígidos que foram instituídos e que a sociedade ainda não conseguiu modifica-los, mas que no futuro isso vai ser certamente alterado...</p> <p>INT: para o que?</p> <p>Para os transsexuais, transgêneros com certeza. Porque a questão da identificação a convenção da OIT foi clara é a auto-identificação, ela não impõe identidade a ninguém, então a pessoa é que se identifica e cada um se identifica da maneira como se sente realmente melhor... como se vê. E nesse sentido há quem não se inclua na categoria de homem e de mulher... os transgêneros, os transsexuais, os bissexuais enfim o fato é que acho e espero que essas mudanças sejam implementadas na linguagem oficial que não deixa de ser discriminatória e segregadora e isso paulatinamente ceda um espaço para a diversidade.</p>
<p>IMAGENS DE DESCANSO</p>	<p>LOCUÇÃO EM OFF</p> <p>Nada é eterno, imutável ou estático.</p> <p>O mundo muda, as pessoas mudam e nós mudamos constantemente.</p> <p>Vivemos eternamente em transformação e reavemos nossos conceitos, valores e nossa definição sobre nós mesmos e o mundo.</p> <p>Eis a questão, como faremos com todas as alterações? Como você fará?</p> <p>Repetimos então algumas perguntas...</p> <p>Qual seu gênero sexual? Por que?</p>

	Como você aprendeu seu gênero sexual?
<p>SOBE ROLL DE CRÉDITOS:</p> <p>Produção e direção Júlia Balthazar</p> <p>Orientação Professora Dr. Cláudia Busato</p> <p>Imagens Raimundo Chaves Melquizedequi Alves</p> <p>Edição Samuel Andrade Aline Santiago</p> <p>Supervisão Técnica Jackson Sena</p> <p>Coord. Adj. Pedagógica Prof. Bruno Nalon Prof. Déia Francischetti</p> <p>Coord. de Curso Comunicação Social Prof. Henrique Tavares</p>	<p>BG:</p> <p>Acoustic And Piano 60</p> <p>-Sobe som.</p>

Diretor FATECS

Prof. José Pereira

UniCEUB 2012

***SOBE LOGO UNICEUB)**